

Os torcedores que já haviam comprado ingresso para o jogo entre Santos e Internacional, pela 13ª rodada do Campeonato Brasileiro, marcado para domingo (8), às 16 horas e adiado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), podem receber de volta o dinheiro gasto na entrada até segunda (9), das 9 às 17 horas, na Vila Belmiro. O estádio, à Rua Princesa Isabel, 77, estará com guichê especial para efetuar a devolução. O adiamento se deu à pedido do time gaúcho, que se classificou para a final da Copa Libertadores ao superar o São Paulo na última quinta-feira (5), e desejava mais tempo para preparação aos jogos decisivos contra o Chivas, do México.

BAIXADA SANTISTA

Morada do futebol-arte

Fotos Luiz Fernando Menezes e Acervo Jairo Sérgio de Abreu Campos e Jair Siqueira

Genialidade com simplicidade

O Rei Pelé também foi peladão, estilo simples que até hoje influencia a formação de jogadores, como a nova geração dos Meninos da Vila (no destaque)



Meninos da Vila contagiaram o Brasil com um estilo de jogo que remeteu aos anos 50 e 60. Um estilo oriundo dos campos de terra - muitos na própria Baixada Santista - que consagraram o futebol de várzea

LINCOLN CHAVES
DAREDAÇÃO

O futebol mágico dos Meninos da Vila, mais novos campeões da Copa do Brasil, não contagiava só as novas gerações. Traz também às mais antigas lembranças de uma era onde o futebol, embora já fosse um esporte de muito contato, primava mais pelo ataque, pela criatividade, pela "malandragem" (no melhor sentido da palavra), do que pela disposição e rigidez tática de hoje. A baixa média de gols da Copa do Mundo da África do Sul, a segunda menor da história (2,21), é exemplo. Até por isso, os gols e o que é mostrado por garotos como Neymar, André, Wesley e Paulo Henrique Ganso, além do mais experiente mas não menos "moleque da bola" Robinho, resgatam não só numericamente, mas visualmente, o futebol dos anos 50 e 60.

Mas as semelhanças param por aí. Nem se fala sob a ótica financeira, já que os salários de hoje são astronômicamente superiores ao de décadas atrás. Mas a própria procedência, o "quintal" onde os craques são formados, mudou com o tempo, seja pela ascensão do aspecto profissional do esporte, seja pela expansão das próprias cidades. Se hoje os clubes, na maioria das vezes, investem na possibilidade de formarem seus jogadores, lapidando-os tática e tecnicamente desde pequenos, no passado, o grande foco era mesmo o futebol de várzea. Nos campos de terra espalhados pelo país surgiram alguns dos maiores nomes do desporto bretão no Brasil. Campeões do mundo como Gilmar dos Santos Neves e Clodoaldo estão entre os "filhos da várzea".

Foi na várzea que surgiu um certo José Macia, o Pepe, o Canhão da Vila em seus anos como campeão pelo Santos e maior ídolo do Continental, de São Vicente. O time, fundado em 11 de fevereiro de 1953 a partir da fusão de dois rivais, o Comercial e o Vila Melo,

é um dos mais tradicionais da região, surgindo numa época em que as partidas no terrão eram verdadeiros espetáculos. "Era uma fase de amor à camisa, de diversão. Muitas pessoas iam assistir aos jogos, ficando no entorno dos campos. As partidas e os resultados eram anunciados pela cidade, em alto-falantes. E era muito bom quando falavam que o Continental ganhou por 4 a 0 de não sei quem, com três gols do Pepe (risos)", relembra.

O ex-jogador Carlos Prieto, o Gigi, é também um grande entusiasta do segmento ainda nos dias de hoje. É responsável pelo Gigi na Rede (www.giginarede.com.br), onde reúne informações históricas sobre clubes e craques da várzea do passado. Viveu os momentos de ascensão e queda do esporte do terrão em Santos. "Nos anos 60, era comum que jogadores oriundos da várzea não deixassem de voltar aos campos onde jogaram para defender seus times em festivais e jogos comemorativos. Havia uma interação grande, era a fase do romantismo do futebol", lembra. "Como (o futebol) ainda não dava essa expectativa de riqueza, havia mais a diversão, o respeito. Diferentemente de hoje, onde há uma desgregação total entre os envolvidos no esporte", contrapõe.

Até mesmo o Rei do Futebol teve seus momentos de "plebeu" na várzea. Em fotos da época, Pelé usa apenas um shorts rasgado e uma camisa de mangas compridas, no jogo entre o Continental, de Pepe, e o Ébano, time formado basicamente por jogadores negros, que

contava com craques conhecidos, como Coutinho e Dorval, e jogava em partidas comemorativas. "O Pelé sempre jogava de goleiro. Era para dar mais graça. E olha que ele era bom, hein!", lembra Pepe. Vencer o Ébano, porém, era um desafio dos mais complicados.

"Numa das vezes, perdemos por 4 a 2. Fizos dois do Continental, um de falta e um de pênalti. Quando fui cobrar, dei um chute tão forte no meio do gol que o Pelé até se abaixou", brinca.

Momentos

Especificamente na Baixada Santista, a várzea já teve grande força. Segundo Gigi, só Santos contava com 124 campos na década de 50, com destaque para a região hoje ocupada pelo BNH, na Aparecida. "Aquele pedaço todo era lotado de campos. Em diversos pontos da Cidade era assim. Os clubes faziam festivais, chamavam outros para jogar todo domingo. Era a principal característica", recorda. "Naqueles anos 50, até o começo dos anos 60, muitos dos atletas de Santos, Portuguesa Santista e Jabaquara, até mesmo do interior de São Paulo, surgiram nesses campos", adiciona o também ex-jogador e responsável por um site sobre o futebol de várzea, Várzea Santista (www.varzeasantista.com.br), Jair Siqueira. "Era o auge".

Para exemplificar, Jair retoma quatro nomes em especial. Três deles, nomes de grande destaque no



futebol brasileiro. "Antes de explorar o Jabaquara, o Gilmar dos Santos Neves foi goleiro do Vila Hayden. O Baltazar, ex-Corinthians e seleção, começou na várzea do Macuco. Há também o Clodoaldo, campeão de 1970, que quando chegou ao Santos, era do Barreiros, supercampeão na Cidade", conta. "Já no Rio Branco, de Paranaguá (PR), o maior jogador daquele time foi o Mandraque, um dos maiores nomes da várzea de Santos. Era um malabarista da bola. É que nunca levou o futebol muito a sério, senão seria certamente um craque de elite", afirma. "Os campos daqui eram verdadeiros celeiros", completa.

A própria organização das equipes chama atenção passando para os dias atuais. Numa cidade como Santos, foram registrados mais de 100 clubes, espalhados por bairros e terrenos que existiam para a prática do futebol. "A maioria (dos terrenos) era da União, então para conseguir permissão para utilizá-los os times precisavam ser organizados, ter uma sede, um estatuto, para conseguir a autorização do INPS para jogar no lugar", explica Jair.

A organização era tanta que mesmo as equipes pequenas chegavam a ter pelo menos 200 associados pagantes, promovendo não só eventos esportivos, mas também sociais. "Eram mais sócio pagante que muito clube profissional dos dias de hoje", adiciona.

Mas a chegada dos anos 70 trouxe mudanças tanto do ponto de vista estrutural como comportamental no que diz respeito ao futebol. Os primeiros indícios vieram, para Gigi, com o próprio sucesso de Pelé e suas consequências para o esporte. "Foi a ascensão do futebol. O dinheiro entrando. Começou-se a deixar de lado o romantismo e a prática pelo prazer de se jogar", avalia. Mas o problema maior para os adeptos da várzea, na visão dos dois ex-jogadores, foi mesmo o fim do espaço, com a chegada de empreendimentos modernos ocupando os terrenos onde antes estavam os campos.

"Houve a expansão portuária, a construção do BNH e do conjunto do Jaú, que acabaram com muitos campos. Hoje, Santos tem mais ou menos uns seis terrenos restantes", diz Jair. "A maioria dos times sobreviventes acaba indo jogar em Praia Grande e Guarujá, onde a várzea ainda tenta sobreviver", completa.



O OUTRO LADO DA BOLA

marbatista@hotmail.com

Marcus Vinicius Batista (interino)

Cinderela ou abóbora?

O Santos foi o time do semestre. E ainda ocupa o centro do palco, mas o encanto pode acabar com as 12 badaladas da igreja. O Santos está diante da encruzilhada, onde precisa decidir se dará um beijo no príncipe ou se virará abóbora; perdoem-me a ligeira distorção do conto de fadas.

Vencer dois campeonatos em pouco mais de sete meses serviu para coroar o Santos como a sensação do futebol brasileiro. Quatro atletas na seleção brasileira também indicam a força de quem joga na busca obsessiva pelo gol. É o reconhecimento público dos espetáculos que o time proporcionou, principalmente na Vila Belmiro, mesmo com a fase de transição promovida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

A própria seleção simboliza o primeiro alerta para as mudanças agressivas vindas do outro lado do oceano. Dois dos convocados deixaram o clube. As peças de reposição atravessaram períodos de instabilidade. Buscam a redenção no clube, assim como fez Robinho.

Tem pelo desmanche da equipe. Há vários casos na história recente que indicam a demolição de um time após convocações de protagonistas e títulos conquistados. A janela europeia ficará aberta até o final do mês.

Não sabemos se a diretoria vai segurar Neymar e Ganso. Qualquer aposta não escapa da especulação. A diretoria jogou palavras ao vento. Atletas e empresários, idem. No fundo, todos brincam com o tempo, à espera de flertes mais vantajosos. Atuar de forma convincente contra os Estados Unidos eleva as ações da dupla de moleques na Bolsa de Valores, de forma imediata. Pode-se chegar ao valor da rescisão contratual. Aí, a despedida em outro idioma.

Se outros atletas forem negociados, este time não passará por dois testes definitivos. Um campeonato longo, o mais duro que temos, com 38 partidas. E, em 2011, a Libertadores da América, o torneio mais complicado do

continente e que carimba a história de clubes e jogadores. Jamais saberemos como este Santos se comportaria.

Depois de dois anos, o Santos deixou de ser a Cinderela, desprezada pelas irmãs da Capital. O time entrou no baile pela porta da frente, dançou como personagem principal a valsa no meio do salão. Roubou a cena. As irmãs, antes boquiabertas, se morderam de inveja da beleza daqueles passos.

Para desfilar pelo baile, Cinderela encontrou dois sapatos de cristal, que se encaixaram perfeitamente em seus pés. Calçados feitos sob medida, de confecção artesanal, exclusivos numa época em que predominam sapatos padronizados. Não é a hora de perdê-los para o primeiro aventureiro que sorrir com promessas de riqueza instantânea.

Desmontar o time nesta altura é exigir uma nova reconstrução no meio da estrada. Como refazer a casa se ela estiver sobre rodas? Há o risco, como outras equipes viveram (Corinthians e Palmeiras) nos últimos três anos, de se queimar uma geração de promessas, atirada aos leões sem as armas necessárias para a defesa.

O Santos tem o poder de dizer não, coisa rara no futebol atual. Basta que os dirigentes pratiquem a tão repetida mentalidade corporativa. Pensar no futuro do clube como instituição, e não como um instrumento para o mandato de dois anos. Segurar Neymar e Ganso passa por esta estratégia. Os dois podem ser negociados quando houver garantias de substitutos. Jogadores à altura para suportar, por exemplo, a Libertadores da América.

Vendê-los este mês é assumir que Cinderela foi mais uma moça ingênua, que viveu um conto de fadas. Tais histórias não costumam ter finais felizes fora dos livros infantis. Entre adultos, costumam valer os contos da carochinha ou os cantos da sereia.

Marcus Vinicius Batista é jornalista e professor universitário. Outros textos do autor no www.conversasedistracoes.blogspot.com.



Craques do terrão

O goleiro Gilmar dos Santos Neves, na equipe do Vila Hayden FC; e o ponta-esquerda artilheiro Pepe, defendendo as cores do Continental: craques atuando nos campos de terra



Fim da várzea. Pior para o futebol

A "morte" da várzea é vista como um espelho de muito do que se vê do futebol brasileiro atualmente. Nos terrões, a tática não era prioritária. Geralmente, os times jogavam com quatro homens atrás, dois no meio e mais quatro na frente, além do goleiro", recorda Jair Siqueira, ex-jogador e responsável pelo site Várzea Santista (www.varzeasantista.com.br). O que valia mesmo era a habilidade. "A ginga do brasileiro nasceu na várzea. Os atacantes precisavam saber como passar pelos trogloditas da defesa. Isso desenvolveu a habilidade dos jogadores. Aquela habilidade que hoje anda tanto em falta no futebol, reduzido quase que unicamen-

te à força nos dias de hoje", comenta o também ex-jogador e criador do site Gigi na Rede (www.giginarede.com.br). Carlos Prieto, o Gigi, "Navárzea, valorizava-seo dom do atleta. Ele se criava, se moldava, por sua qualidade", completa.

Os mais jovens dificilmente jogavam nas equipes principais. "Eles geralmente atuavam em partidas dos times infantis, mesmo com 18, 19 anos. Ainda não eram considerados preparados para enfrentar os mais velhos. O Clodoaldo, por exemplo, era desse time mais jovem do Barreiros quando já jogava no amador do Santos, por incrível que pareça", revela Jair. No entanto, a oportunidade de

jogar no truncado, mas também habilidoso jogo da várzea, dava uma preparação diferenciada aos garotos. "A várzea dava um amadurecimento maior aos jovens que iam para o futebol profissional. Dava espírito. Não digonadade ser melhor ou pior. Mas era diferente. Era um jogo duro, então a molecada que teve contato com esse futebol já rompia a barreira do medo", acredita.

Porém, as características da imprevisibilidade e da liberdade, que tanto marcaram as equipes brasileiras há quase 50 anos, sumiram como a própria várzea, na visão dos entrevistados. "Antes, a habilidade era privilegiada, mas hoje ela é praticamente

proibida", aponta Jair. "Você viu a seleção brasileira. Quem teve autorização para driblar? Só o Kaká e o Robinho. Os times andam muito fechados. Na Argentina, Messi tem total liberdade. No Santos, há a exceção, já que o Ganso e o Neymar têm essa liberdade".

Gigi é mais enfático. Como disse em uma de suas crônicas "Venho já de algum tempo me esgoelando na defesa do futebol arte, na manutenção da hegemonia que nos pertence desde a sua descoberta, e pelo visto parece que tudo está indo por água a baixo". "O futebol está morrendo com essas restrições". (LC)



LIVRO

Lembranças de uma Década de ouro

A década mais grandiosa da história do Santos Futebol Clube lembrada em um verdadeiro diário de bordo. É a ideia que o escritor e historiador Guilherme Gomes Guarche, coordenador de História e Estatística do

Fanático Santista (www.fanaticosantista.com.br), pretende passar em sua mais nova obra sobre o Alvinegro Praiano, *A Década de Ouro* (foto).

O livro será lançado na sexta-feira (13), a partir das 17 horas, na Umbro Store, dentro do Estádio Urbano Caldeira (Vila Belmiro). O preço de capa é R\$30,00. Guarche conta que a intenção de seu livro é levar aos leitores as informações e histórias das maiores conquistas do Peixe, como o bicampeonato mundial e da Libertadores e o pentacampeonato nacional, como se elas estivessem ocorrendo agora, mexendo com a emoção do torcedor



santista.

Segundo Guarche, o livro relata, dia a dia, detalhes do que ocorreu com o Santos nos anos 60. "São relatos de fatos históricos do Santos na época. Jogadores que entram, jogadores que saíram, jogadores que tiveram filhos, curiosidades sobre as grandes conquistas, os grandes eventos do Parque Balneário, que chegou a pertencer ao clube na ocasião. Enfim, todas as histórias da década estão na obra", define.

O livro tem 411 páginas e conta com prefácio do radialista José Carlos Gomes, o Passarinho. Após o lançamento, o livro poderá ser encontrado nas livrarias Realejo (Avenida Marechal Deodoro, 2, Gonzaga, em Santos) e Martins Fontes (Avenida Dona Ana Costa, 530, Gonzaga, em Santos). Trata-se do quinto livro do autor sobre a história do Santos Futebol Clube.